





JOSE DE FREITAS VALLE

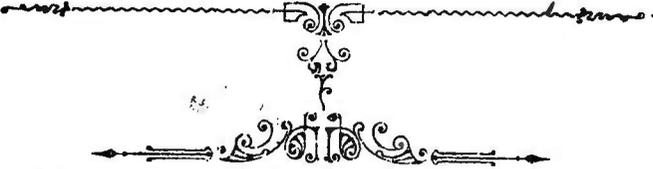
REMEMOS



1886
Typographia e Estereotypia King
1886.

REBENTOS

JOSÉ DE FREITAS VALLE



REBENTOS



· Qui sait tout souffrir peut
tout oser.

M. DE VAUVERNAGUES.



S. PAULO :
TYPOGRAPHIA KING.
1888.



A MEUS PAES



A MEUS IRMÃOS





A MEUS AMIGOS



A MEUS COMPROVINCIANOS



La poésie est une floraison de l'âme qui ne peut être appréciée des esprits froids. Pour eux, chaque trait de génie semble extravagant. Désespérés de ne pouvoir sentir la grandeur morale de telle œuvre, ils s'en prennent malicieusement aux détails du style. Ils comptent les syllabes, annotent les répétitions, découvrent des contradictions, et enfin triomphent de pouvoir railler un grand mot.

« Ah ! pauvre jouvenceau, qui osez nous dire que cette prairie vous enchante, à nous que venons d'y découvrir pois orties et un chardon. » — Telle est leur critique.

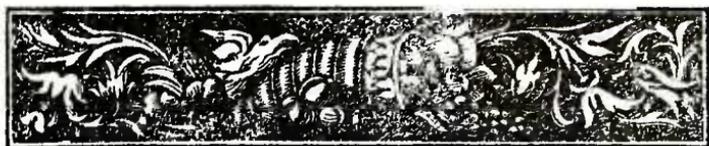
OCTAVE FIRMEZ.

Si j'étois du métier, je naturaliserois l'art autant comme ils artialisent la nature.

MONTAIGNE.

Il est aisé de critiquer un auteur, mais il est difficile de l'apprécier.

M. DE VAUVERNAGUES.



REBENTOS



Apresentação

Nascemos inda ha pouco. E como não havia
Quem estendesse a mão p'ra nos apresentar
Ao povo, viemos nós sósinhos nos mostrar
A' clara luz do dia.

Certo é que nos direis : «Mas então não seria
Aquelle competente em que fostes buscar
Orige, aquelle que fez-vos fortes brotar
Da verde ramaria

Para um tão simples caso?» E responder-vos-hão
Nossas vozes em côro: «Oh! decerto!» Mas não
Quiz elle que assim fosse; e, pois, sem espaventos

Que fizessemos disse esta apresentação,
Assignando no fim co'a nossa propria mão:
Do mais humilde galho os modestos

REBENTOS.

S. Paulo—Junho—1888.

Alice

A EDUARDO TITO DE SA'

Ella, que a flôr dos seus dezeseis annos tinha
Mirrada como flôr que brota em solo ingrato,
Vivia honestamente, ella a quem, tão mesquinha,

Negára a natureza o mais pequeno ornato :
Parecia de virge a vida que levava
Que se houvesse votado a eterno celibato.

Mas o amor, que cançado havia muito andava
De levar seu bafejo a peitos bem—fadados,
Leval-o a essa alma quiz que hiberno frio gelava.

E a pobre Alice amou... Quantos dias passados
Com o pranto a regar do seu martyrio a palma,
Quãdo o seu duro amante os tinha separados !

E, como ella era feia, o barbaro co'a calma
Com que a possuira, apòs deixou-a bruscamente.
Não podendo arrancar o amor de dentro da alma

Co'o peito em dôr, pediu consolo esse pobre ente
A' morte : da janella arrojou-se... e á calçada,
Tendo o vacuo transposto em rapidez crescente,

Baqueou. Veio a mudez cortar illimitada
Um gemido, que a custo o ouvido distinguia ;
O gemido, extinguiu-se... e não se ouviu mais nada.

A aurora n'um sorriso os labios entreabria,
E a luz com raios de ouro, esplendida, brilhante,
Vinha apagar a treva e accender vinha o dia,

Em jorros envolvendo a terra negrejante.

S. Paulo.—Junho—1888.

Meditação

(G. A. BEOQUER)

A R. S. DE LAMADRID Y COMES

Vendo-me, afflicto o peito,
Horas de insomnia passar,
A' beira do pobre leito
Meu quem ha-se de sentar ?

A mão tremula quando
Estender, quasi a expirar,
Mão amiga procurando,
Quem a virá estreitar ?

Quando a morte embaciar
O chrystal dos olhos meus,
Os meus olhos por cerrar
Quem cerral-os-ha, meu Deus ?

Ao triste toque do sino
(Se por mim elle tocar)
Quem ha-de, ao som argentino,
Uma prece murmurar ?

E quando sepultos já
Meus restos da terra a um canto,
Quem sobre a fossa virá
Deixar cahir triste pranto ?

Quem, uma noite esvaída,
Quando o sol torne a raiar,
De que passei pela vida
Quem, quem ha-se de lembrar ?

Garicia

A OSCAR RHEINGANTZ

Com mão habil traçou, como em enorme téla,
Vasto quadro no céu um ignoto pintor.
Se via tudo alli sob a variada côr
Com que em geral se adorna uma linda aguarella.

Que titanica era a paizage, e quão bella !
Gigantesco arvoredado em purissimo alvor
Semelhava uma nuve ; e aurifero esplendor :
Que exercitos em lucta e torres mil cinzêla,

Ao longe se estendia... Ah! mas subito, o céu
—No alto o sol se apagou—de todo ennegreceu;
E o quadro se esvaiu aos rancos da procella.

Assim, quando a vaguear eu vejo fugidía
Uma lagryma por essa face, donzella,
Se me obumbra a fronte e foge-me a alegria.

Pelotas—Janeiro—1888.

* * *

(JEAN RICHEPIN)

A MANOEL O. TOSTES

A rir, perguntas, graciosa,
Curiosa,
Dias no tempo que eu te amo
Quantos se podem contar?
Vai buscar
Da acacia um florido ramo ;

Ao tel-o nas mãos quebrado,
Branqueado
De flores, não como o liz
D'essa face brancas, feita
Da colheita
No galho a conta, me diz

—Quantas folhas apanhaste
Da verde haste
Da acacia no branco ramo ?
Responde ao que perguntei,
E eu dir-te-hei
Quantos dias ha que te amo.

S. Paulo—Outubro 1887.

* * *

A PEDRO A. MIBIELLI

Porque é que tu sempre me recusas
Os beijos que eu te peço?
Que destino lhes dás? Quando é que usas
Esses coraes de preço?

Dá-me um só beijo! Lembra-te que um dia
Tu, bella, has de morrer;
E a uma cova escurecida e fria
Teu corpo ha-de descer.

REBENTOS

Então hão-de roer-te a terra e a cal
A veste virginal...
Lá estarás tu só, despida, nua ;

E os vermes beijar-te-hão eternamente
A fria bocta tua
Que ninguem beijou quando ainda quente...

S. Paulo—Outubro 1887.

Serenata

(ESPRONCEDA)

A FELISBERTO D'AZEVEDO

Delio, aguardando Eliza,
Lhe canta por noite amena
Seus amores ;
Raia o luar e a briza
Cicia ao passar serena
Pelas flôres.

E ao som do echo que formando
Vai o arroio saltando
Tão sonoro,
Diz Delio á sua formosa
N'uma cantiga amorosa :
«Eu te adoro.»

No regaço adormecida
Do suave somno, presentes
 Mil delicias,
Na illusão embebida,
Mostras ser feliz, e sentes
 Mil caricias.

E na noite silenciosa,
Pela campina espaçosa
 Doce cêro
Fazem com meu terno accento,
Dizendo o arroyo e o vento :
 «Eu te adoro.»

Da tua fronte em redor
Leve sopro vôa apenas
 Mui silente ;
E espalhado doce oior
Se sente alli de açucenas
 Suavemente.

Em fragrancia deleitosa
Vôa á deusa graciosa
 Que namoro,
Grato echo repetindo,
A minha cantiga ouvindo :
 «Eu te adoro.»

Do fundo do peito v'ca
A ti um suspiro terno
Do cantor :
No canto, Eliza, que sôa
Envio-te o fogo eterno
D'este amor.

Por elle, amante formosa,
Por esses labios de rosa
Eu te imploro
Que o escutes com ternura,
E sentirás que murmura :
«Eu te adoro.»

Desperta e deixa o teu leito ;
Não te esqueças, graciosa,
Que na rua
Delio, c'o ancioso peito,
Espera, Eliza formosa,
A mão tua.

Desperta, que já passaram
As horas que nos custaram
Tanto choro ;
Sahe, que um florido ramado
Diz, ao portal enlaçado :
«Eu te adoro.»

Supplica

A OVIDIO M. GUIMARÃES

Não pões de beijar-me, oh doce amante !
Ah ! não quero perder um só que seja
Dos teus beijos. E se na agra peleja
Findar-me eu enquanto de ti distante

Corre a mim, que te espero a todo o instante,
Corre, e vai me buscar onde eu esteja ;
Os meus labios, já frios e sem côr, beija,
E fal-os beijar teu seio palpitante...

Quando estiver já podre o corpo meu,
Não o deites em rico mausoléu :
Antes quero que o enterres no jardim,

Que servindo de esterco ás suas rosas,
Ao beijares as petalas mimosas,
Talvez que o beijo teu chegue até mim.

S. Paulo—Outubro—1887.

A morte de um leão

(LEONTE DE LISLE)

A HERCULANO DE FREITAS

Elle era um caçador costumado a tragar
O ar puro, e dos bois sempre o sangue beber.
Olhava sobranceiro as planicies e o mar,
E livre e só, rugia em paz no seu viver.

Como no inferno anda a vaguear um damnado,
Depois, para prazer da inepta multidão,
Contra a grade a bater, todo ensanguentado,
En d'aqui p'ra alli na ferrea prizão.

P'ra dar, enfim, um termo á sua horrivel sorte
Bruscamente deixou de alimentar-se ; e a morte
No seu manto envolveu o pobre vagabundo.

Tu que nunca de paz gozaste, oh coração!
Que vagas, a offegar, no carcere do mundo,
Porque não fazes, vil, como fez este leão ?

S. Paulo—Outubro—1887.

Carta de amor

A A. C.

Senhora,
 se eu lembrasse
Aquelles doces beijos
Que na bocca e na face

Nos demos mil, que ensejos.
Para isso não deixaram
De achar nossos desejos ;

**Se os tempos que passaram
Eu lembrasse, senhora,
Tempos em que gozaram,**

**Dia a dia, hora a hora,
Estes nossos dois peitos
O amor que teme e córa;**

**Se eu recordasse os feitos
Dos nossos pés inquietos
A correr sobre leitos**

**De verdura, os insectos
Buscando avidamente;
D'esses dias dilectos**

**Se eu te levasse á mente
A dilecta memoria,
Talvez que inteiramente**

**Te surprehendesse a historia
Do nosso amôr, e achasses
A lembrança irrisoria.**

Comtudo 'inda nas faces
Guardo o *ricordo* mudo
Dos beijos teus fugaces.

E se relembro tudo,
Se em tudo falo a ti
E' que pezar agudo

'Cruel fere-me a mi,
Ao sentir que me deixas ;
Isto que escrevo aqui

As eternas endeixas
E' da nossa paixão.
Se murmuro estas queixas,

E' que no coração
Inda arde intensa, oh flôr,
Em viva excitação

A chamma d'esse amôr,

S. Paulo—Junho—1888.

Uma Canção de Gourmont

A RIVADAVIA CORRÊA

—Aonde—dize, oh bello cavalleiro,
Que cavalgando vais pelo carreiro
De clematite orlado,
Aonde—dize, oh bello cavalleiro
Vais tu tão apressado?

—A um encontro vou, bella, de amor :
Me espera minha amante,
Me off'recendo dos labios seus a flôr
Em beijo palpitante.

—A tua amante, oh bello cavalleiro,
Que cavalgando vais pelo carreiro,
E' pois nobre e é bella,
Grande dama de espirito altaneiro,
Ou é simples donzella?

—A minha amante reina sobre os prados
Que minha alma embalsama ;
Cotovia de cantos inspirados,
Cantæ em mim sua ganma.

--A tua amante, oh bello cavalleiro,
Que cavalgando vais pelo carreiro,
Mui feliz deve ser,
A tua amante, oh bello cavalleiro,
Quizera a conhecer.

—Baixai o vosso olhar, tão doce e claro,
Sobre a fonte aquietada,
Olhai-vos no regato : e o perfil caro
Vereis da minha amada...

Pelotas—Maio—1888.

O meu sonho

A J. D'A. MARTINS COSTA JUNIOR

«Estavas recostada á beira do teu leito.
Dormias, o cabelo esparso pelo peito.
Tua bocca carmezim
Me mostrava, soaberta, os dentes de marfim.
A palpebra cerrada em leve dormir,
O collo anniveado, e o seio a arfar;
Tão brandamente a arfar na amaciada cama,
Qual, aos filhotes junto, em seu ninho de rama.
Palpita da avezinha o seio maternal
Que no folhame esconde
A viridente fronde
Do espesso matagal.

«Dos braços um pendia para o chão.
E sobre o peito arfante estava a outra mão,
Sentindo n'esse peito o palpar constante
D'um coração pulsante,
Que faz-se amar do grande, e é pelo pobre amado ;
Que, como estende a mão ao nobre bem trajado,
Estende-a ao operario, ao bom trabalhador
Que banha a fronte honrada em honrado suor,
Da lida já caçado ;
Que, se uma mão estende ao rico, a outra dá-a
Ao mendigo que esmola esfarrapado,
Feichando-se, uma a uma, as portas á sua cara
Como se fôra um cão que por alli passára.

Foi assim que eu te vi, oh donzella ; assim
Me appareceste tu n'essa noite sem fim,
Em que, já morta á lua, a nigrea treva ia
Se esvaindo de encontro á luz do dia.

O prato de faiança

(J. RIOHEPIN)

A PLINIO CASADO

Nosso amor foi igual aos pratos de faiança,
Onde pintados vêm passaros de tres bicos,
Uns paizes azues, fantasticos e ricos,
Santos co'o turvo olhar a transbordar de esp'rança,

Homens a digerir presuntos saborosos,
Grandes e verdes cães, cavallos imprevistos,
Fabulosos perfis, estranhos, nunca vistos,
E poderosos reis, vermelhos, corajosos.

Nosso amor foi assim, foi bizarro, ideal,
Sob **impossiveis céus**, um paiz sem—igual,
De sonhos enfeitado e d'illusões um prato.

N'elle mais de um manjar delicioso guisou-se,
Muitos beijos comeu a nossa bocca : é facto.
Mas deixei-o cahir ao chão. E elle **quebrou-se.**

S. Paulo—Outubro—1887.

Historia de uma ave.

A HOMERO DE CASTRO

Do vôo cançado,
No galho elevado
D'um alto coqueiro

Fazia poleiro
Um lindo pombinho,
Com pennas de pombinho.

A alguma distancia,
Com pressa e com ancia,
Um indio se ergue ;

E p'ra que elle vergue
Seu arco, é bastante
Um simples instante.

A setta partiu,
E leve, feriu
A branca avesinha,

Que ergue a azinha,
Soltando um lamento.
Nos braços, o vento

Foi longe a levar.
Ao vel-a assim voar,
Dir-se-ia roubou

A briza, e voou
Das ondas d'espuma
Com um flôco de uma.

Corria, embalada
Nos ares. Cançada
Do vôo, cahiu.

O sol se sumiu...
A lua, no céu,
Envolta em seu véu

De luz clara e pura,
Em doce brancura
Ao longe surgiu...

A ave sentiu
Que a vida fugia
Co'os raios do dia.

Assim fallou ella :
—«Deus ! Como era bella
A vida que eu tinha !

Oh ! linha por linha,
De Julho a Dezembro,
Trez vezes—me lembro—

Dos dias que vi
A historia escrevi
No livro da vida.

Me foi concedida
Ampla liberdade
De voar á vontade

No espaço sem fim.
E ferem-me a mim !
Injustos ! Cruéis !

Oh Deus dos fieis,
Sê justo e feroz !
Castiga o atroz

Que veio ferir-me...
Oh ! Deus ha de ouvir-me
E a altura fitou.

Por terra rolou ;
E, volvendo ao céu
Os olhos, morreu.

S. Paulo, 4 de Junho de 1887.

O Senador

(BÉRANGER)

A ALFREDO PUJOL

Minha esposa faz-me honor :
Que lindos olhos tem Rosa !
Sonhe, creiam, devedor
De uma amizade preciosa.
Fui, logo ao mudar de estado,
D'um senador visitado.
 Quão honrado,
 E afortunado
Eu sou ! Tendes, senador,
Em mim um humil servidor.

Do que elle faz sciente estou :
Homem igual não se vê.
Anno um ha, Rosa levou
De um ministro á *soirée*.
Se o encontro casualmente;
Diz-me adeus amavelmente.
Quão honrado,
E afortunado
Eu sou ! Tendes, senador,
Em mim um humil servidor.

Com a mulher nada tem
De insulso ou bandalho, nada.
A jogar commigo vem,
Quando está Rosa adoentada.
F'lizes annos me deseja ;
E no S. João me festeja.
Quão honrado,
E afortunado,
Eu sou ! Tendes, senador,
Em mim um humil servidor.

Se ao tempo chuvoso o horror
Em casa me faz ficar,
Com seu ar obsequiador
Me diz elle «Vá passear
De carro. Ahí 'stá o meu ;

Faça de conta que é se
Quão honrado
E afortunado
Eu sou ! Tendes, senador,
Em mim um humil servidor.

Uma tarde nos levou
A' campanha o nosso amigo :
De vinho me embebedou,
Rosa não dormiu commigo ;
Mas da casa inteirinha
A cama melhor foi minha.
Quão honrado
E afortunado
Eu sou ! Tendes, senador,
Em mim um humil servidor.

D'um filho que me nasceu
O convidei p'ra padrinho ;
E' como se fôra seu
Que elle beija meu filhinho.
E foi logo o afillhado
No testamento citado.
Quão honrado
E afortunado
Eu sou ! Tendes, senador,
Em mim um humil servidor.

Gosta que ria-se á meza ;
Imprudente és vezes sou :
A dizer-lhe á sobre-meza
O meu gracejo chegou :
Por ahí 'stá espalhado
Que tendes-me a fronte ornado.
 Quão henrado
 E afortunado
Eu sou ! Tendes, senador,
Em mim um humil servidor.

S. Paulo—Setembro—1887.

* * *

A JOÃO PITTA PINHEIRO FILHO

Como os metaes do sino
Se ligam p'ra formar
O som que a resoar
Tu ouves argentino,

Cahindo vão mil fiôres
De pet'las coloridas :
Estrellas desprendidas
Dos nossos dois amores...

S. Paulo—Junho—1888.

Berço e tumba

(G. A. BEOQUER)

A ALVARO FARIA

«D'onde venho?»—A mais aspera e horrivel
Das veredas procura ;
De uns pés sangrando o traço inextinguivel
Por sobre a rocha dura ;
Os despojos de uma alma espedaçada
Nos sarçães, de dizer
Hão-te a escura estrada
Que ao meu berço vai ter.

«P'ra onde vou?»—Pelo mais sombrio e triste
Dos sitios cruzar deves,
Em que de eterna bruma um valle existe
E de constantes neves.
Onde esteja uma solitaria lousa,
Sem uma lettra escripta,
Em que o olvido pouosa,
Será hi minha crypta.

Pelotas—Maio—1888.

* * *

A HOLLANDA LIMA

E' quando o silencio o enche de mysterio
Que, á tarde, eu me dirijo ao velho cemiterio,
Passo a passo atravesso uma rua de tumbas
Ricas ; trilhando vou, depois, das catacumbas

Dos pobres a triste alla. E' n'ella que repousa
Aquella que eu amei. Está 'scripto na lousa
Que a cobre : «aos dezesete annos morreu. Descança
Em paz.» Junto, um cypreste inda novo não cança

De soluçar por ella. A' tarde sempre vou
Seu jazigo regar com o meu pranto : estou
Certo de que, do seu corpo em roda, mil flôres

Hão-de brotar da terra orvalhada p'la dôr,
Dos labios seus trazendo as corallinas côres,
Das lagrimas possuindo o sem-igual frescor.

S. Paulo —Outubro—1887.

Sennacherib

(FRANÇOIS COPPÉE)

A PAULO FLORENCE

Quando contra a Chaldéa alcançou a victoria
Sennacherib, e ahí fixou a sua gloria,
Todo o povo levou captivo, Aos anciãos,
Que os cegassem mandou, e cortassem as mãos ;
Palacios em Niníve ergueram-lhe os demais.

Andando a passear a cavallo, reaes
Vestes trajando, o grande, o velho potentado,
Um ancião junto, pobre e cego e mutilado,
—Da passada victoria horrivel prova !—vio.
Dous moços, com cuidado, a passear junto ao rio,
Cercando-o de filial respeito, iam leval-o.

O rei Sennacherib deteve o seu cavallo ;
 E, co'a mão se apoiando ás ancas do animal,
 O quadro contemplou d'esse amor filial.

O mais moço dos dous filhinhos do ancião
 A' bocca lhe levava o alimento, o pão ;
 O mais velho, o servil e cauteloso guia,
 As bellezas da villa em alta voz dizia,
 Para esse enfermo, que pela estrada caminha,
 Um d'elles tinha mãos e o outro os olhos tinha.

Continuou seu passeio o rei ; porém a andar,
 Pela barba passando a mão, pôz-se a pensar :
 «Como os filhos são bons que este escravo meu tem !...
 Mas com ciúmes, eu ! Não os tenho também ?
 Minha prospera prole e numerosa—amôr
 E respeito tributa ao seu pai e senhor.
 N'esse amôr seu porque, porque não confiarei ?
 Opulencia e poder em Assur eu lhes dei ;
 Confiei-lhes em seguida immensas satrapias ;
 As nações dos Judeus e Medas, eu venci-as,
 E essa esplendida preza a elles presenteei.
 Cavallos muitos têm, oiro têm e elephants,
 Palacios de granito e, a escolher, amantes,
 Enfim, tudo o que é possível que eu lhes dê !

**Contento-os. E não me hão de amar ! Porque ?
Como eu os amo devo amado ser por elles,
Sobretudo p'los dois mais velhos, por aquelles
Que andam continuamente ao lado do meu carro,
O meu Adrameleck e o meu Sarrazarro,
Que commigo tem este imperio governado. »**

Essa noite elle foi p'los filhos degolado.

S. Paulo—Outubro—1887.

13 de Maio

A BERNARDO TAVEIRA JUNIOR

Como peste cruenta que invadissem
Um sólo fértil, amplo e generoso ;
Como nuvem negrenta que cobrisse
Um vasto céu de luz resplendoroso,

A escravidão chegou. Mas se extinguiu
Serenamente, ao rir de alva louçã,
Como a noite de hoje se esvaiu
Ao vir rompendo o dia de amanhã.

Pelotas—Maio—1888.

Serenata

(H. W. LONGFELLOW)

A JOSÉ GODOY

Puras estrelas do ceu,
Que luzis, no azul enorme
Escondei o leito seu !
Ella dorme !
Minha bella amante dorme !
Dorme !

Lua, sultana do ceu,
Que vagas no harem enorme,
Mergulha no leito seu !
Ella dorme !
Minha bella amante dorme !
Dorme !

Que o teu bafejo, oh Boreo,
A madresilva transforme
Em berço p'ra o leito seu !
Ella dorme !
Minha bella amante dorme !
Dorme !

Oh sonhos da côr do ceu !
Contai que, co'amôr enorme,
A espreito, e no leito seu
Ella dorme !
Minha bella amante dorme !
Dorme !

S. Paulo—Junho—1888.

* * *

A C. O.

Lancei-te, bella minha,
Setta que amor ardente em si continha.
Quando a setta bateu
De encontro a esse marmoreo peito teu,
Quebrou-se em mil pedaços :
E vieram-se os agudos estilhaços
Cravar no peito meu...

Pelotas—Maio—1888.

Quatro beijos

[G. A. BECQUER]

A ALFREDO LOPES

A brisa, sussurrando suavemente,
Das aguas beija a superficie liza ;

A' nuvem beija o sol no Occidente,
De raios de ouro e rubros a matiza ;

Para beijar a chamma, pelo ardente
Tronco outra chamma inclina-se e desliza ;

E até o salgueiro busca ensejos
De trocar com o rio doces beijos.

Pelotas—Maio—1888.

Criação da mulher

A NESTOR VICTOR

Encetou seu trabalho o inventor das flôres :
A' camelia deu fôrma, e cheiro ao alecrim ;
Ambas reuniu depois, e creou o jasmim.
E do cravo ajuntando as purpurinas côres,

Perfumada, brotou cheia de viço a rosa.
A mão do creador seu espinho feriu.
O sangue derramou-se e depressa a tingiu
De rubro ; e se tornou ella em dahlia formosa.

Teve então uma idéa o audaz emprehendedor:
Mil flôres ajuntou ; e de uma co' o frescor,
Com a belleza de outra e o perfume, formou

Uma flôr ideal, de não vistos fulgores,
De sem-igual aroma, um primor. E chamou :
«Mulher» essa reunião de todas as mais flôres.

S. Paulo--Setembro--1887.

Viver ! Morrer ! Fugir !

(J. RICHEPIN)

A ARTHUR ITABIRANO

Viver ! Treva onde achar
Que o tédio meu acoite ?
E' negro o meu pezar
Mais que a noite.

Morrer ! Meu lucto fundo
Em que ondas afogar ?
Meu tormento é profundo
Mais que o mar.

Fugir! Ás maguas pôr
Um termo, de que sorte?
E' forte a minha dôr
Mais que a morte.

S. Paul●—Setembro—1887.

O João

A ORLANDO FARO

Morreu o professor. João quiz vingar-se
Dos castigos que o velho lhe infligira.
Decidio ao sepulchro encaminhar-se
P'ra lá desabafar essa enorme ira
Que, ha muito, conservava no seu peito.
Chegou ao cemiterio. Olhou o leito
Em que calmo dormia Antonio Zé
Doubeira, aquelle que no banco em pé
Muita vez lhe mandára.
Oh, que cara
A que fazia !... Mas obedecia,
Que a mão do velho mestre não tremia,
Quando andava a lidar co'a palmatoria.

Olhando a sepultura, a longa historia
Das suas punições logo á memoria
Lhe veio detalhada.

Oh céus! quanta vergonha supportada!
Ah! se a tumba se abrisse, e elle podesse
A cara esbofetear do mestre! D'esse
Que tantas vezes lhe havia puxado
As orelhas! Oh! se a tumba se abrisse,
Se a cara sua visse,

As orelhas tambem lhe puxaria.
Mas a pedra de marmor não se erguia....
Que branca estava, de certo esperando
Que viesse um epitaphio negrej-a!
Ou que viessem doura!-a

As letras de ouro de uma quadra! Quando
Da pedra sepulchral
Viu a brancura ideal,

Têve uma ideia o nosso amigo João:
Assentou-se de prompto alli no chão;
Tirou do bolso o lapis; e d'aquelle
Para vingar-se que o insultara, elle
Com mão firme traçou esta inscripção:

“O velho mestre Antonio Zé Doubeira
Descança á beira d’esta velha estrada ;
E sobre a pedra que lhe cobre a campa
Eis esta estampa que fica gravada :
“De joelhos todos ante o gran sandeu ;
“No seio seu que a terra o acolha em festa !
“Quem isto lêr, em noite triste e calma
“Ore por alma d’essa grande besta.”

S. Paulo—Setembro—1887.

A flor da saudade

[MILLEVOYE]

A HYPPOLITO A. DE ARAUJO

Na Helvecia—contaram-me—Luiza
Um dia, c'uma flôr á mão ornada,
Com sua doce amiga a bella Eliza
A passear se puzera pela estrada ;
Dizia : “Ermita, quando ao céu comece
A voz tua a entoar a diaria prece,
Não te esqueças de mim !”

Aconteceu que pela estrada áfora
Cruel presentimento veio, atroz,
O socego turbar da viajôra,
Que suspirou co'entristecida voz ;
"Ah ! ella disse á amiga estremecida,
Se acaso antes de ti deixar a vida,
 Não te esqueças de mim !"

Subitamente da montanha róla
Uma avalanche e a arrasta no seu seio,
Lançando então a pallida corolla
Que dos dedos trazia inda no meio :
 'Adeus ! disse ella, oh ! doce amiga minha !
Eternamente guarda esta florinha ;
 Não te esqueças de mim !

Elisa quer morrer : da pobre amiga
Quer seguir passo a passo a triste sorte ;
Mas fazem com que na vida prosiga :
A vida para ella é a mesma morte.
Guardou a fiel fôr no coração,
E chama-se a fiorsinha desde então :
 Não te esqueças de mim.

Sonho

[FRAGMENTO]

A ALFREDO F. RODRIGUES

Sonhei que uma rosa,
Bonita, viçosa,
De todas rainha,
Voando, bulindo,
Um beijo, sorrindo,
A mim trazer vinha ;

Que a rosa chegava,
Meus labios beijava,
 Pairando ;
E, depois, se erguia,
Fugia... fugia...
 Voando.

Sonhei que a açucena,
Tão branca e serena,
 Tão pura e mimosa,
No ultimo adejo,
Pousava-me um beijo,
 Com labios de rosa ;

Que, branca, chegava,
As faces beijava,
 Pairando :
E, depois, se erguia,
Fugia... fugia...
 Voando.

Sonhei que as violetas,
Qual bando de settas,
 Qual bando sem fim,
Co'as folhas cobertas
De beijos, incertas,
 Corriam a mim ;

Que, frescas, chegavam,
Meus olhos beijavam,
 Pairando ;
E, depois, se erguiam,
Fugiam... fugiam..
 Voando.

Sonhei-me enlaçado
Por galho delgado
 D'um lindo jasmim ;
E em loucos adejos,
Me vinham mil beijos
 De todo o jardim ;

Que as flores chegavam,
Mil beijos me davam,
 Pairando ;
E, depois, se erguiam,
Fugiam... fugiam...
 Voando.

S. Paulo—Setembro—1887.

A Borboleta

(ALBERT DELPIT)

A FALCÃO JUNIOR

Quando, do curso eterno fadigada,
A borboleta pára e adormece,
A' gentil criancinha já parece
Que pelas azas tem-n'a aprisionada ;

Mas vÔa a borboleta, e, antes risonho,
Põe o menino termo ao seu folguedo,
Triste olhando o empoeirado dedo,
Que só poeira é o que resta do seu sonho.

Da sorte do homem, triste, falsa e dura,
Eis qual é, pois, a imagem semelhante :
A sua borboleta voejante
E' a felicidade que procura ;

Alcança... mas é breve o prazer seu,
E, da sorte zombadora vencido,
Guarda só d'esse sonho querido
A poeira da ventura que perdeu.

S. Paulo—Novembro—1887.

Cobardia da mulher

A ILDEFONSO DUTRA

Quando da doçura gosa
Do conchego ao ente amado
Diz a tu'alma mimosa :
—“A vida é um eden doirado”
Ferida do desengano :
—“A vida é um constante inferno”
Tornado em soffrer insano
Esse teu viver tão terno,
Tu pedes quem te console.
Não vem o consolo ; então
Gritas, rolando-te ao chão :
—“Que pr'a uma tumba me role
A magua que me devóra

O peito ! Emfim essa hora
Vai soar
Em que—oh ceus !—vou achar
A morte—um dormir eterno.”
Ah ! mas quando ao coração
Tens a lamina apontada,
—Vil !—tens medo ; e amedrontada,
A tremer, fuge a tua mão.

S. Paulo—Outubro—1887.

A tumba de Anacreonte

(GOETHE)

A BOGUMIL BARTHOLOMAY

Aqui onde floresce a rosa colorida,
Onde, enlaçada ao loiro, a vide se alevanta,
Onde se regosija o grillo e a pomba encanta,
Este tumulo a quem dá tão doce guarida?
Tumulo sobre o qual parecem ter querido
Os deuses espalhar mil sementes de vida !

Dorme n'este lugar, dos afans esquecido,
O poeta Anacreonte,
Esse poeta feliz de laureada fronte,
Que, durante o seti doce e sempiterno somno,
Goza os bens do estio, a primavera, o outomno,
Vindo a tumba añnal trazer-lhe abrigo eterno
Contra as neves, o vento e os rigores do inverno.

S. Paulo—Junho—1888.

* * *

A JOÃO DE ARAUJO

Se o teu olhar, formosa, um dia visse
Em amoroso achego duas flores ;
E se o ouvido teu, attento, ouvisse
Os beijos dos seus roseos amores,
 Não crias n'esse amor ?

E se nos ramos visses, pelo inverno,
Par a par buliçosos passarinhos,
Beijos se enviando n'um arrulho eterno,
N'esse amor que se esconde pelos ninhos
 Não crerias, oh flor ?

Se um dia, enfim, oh bella, eu ajoelhasse
A teus pés e, o olhar fito no teu,
O ardor e a pureza te cantasse
Do forte amor que habita o peito meu,
Não crias no cantor ?

Peiotas—Maio--1888.

A harpa

G. A. BEQUER.

A ALFREDO GUEDES

Em um angulo da sala sumptuosa,
De seu dono talvez já esquecida,
Estava, envolta em pó e silenciosa,
Uma harpa escondida.

Qual ave que nos ramos adormece,
Nas cordas quantas notas por tirar,
Esperando mão habil que viesse
Fazel-as resoar !

Ah ! pensei, quantas vezes dentro em nós
O genio ao fundo d'alma assim descança,
Aguardando, qual Lazaro, uma voz
Que lhe clame : "Levanta-te e avança !"

Pelotas—Maio--1888.

A virgem

A FELIX BOCAYUVA

P'ra bem remoto logar
Vai voando o passarinho ;
A voar, sempre a voar,
Nunca mais torna ao seu ninho.

Oh ! quanto dóe-me lembrar
O que se deu ! Foi assim :
Andava eu a passear
A' tarde pelo jardim ;
De repente vi saltar
Um mancebo junto a mim.
Ai ! que susto ! De vagar,
Vi se me approximar.
Que impressão senti, meu Deus,
Fitando os olhos nos seus !

P'ra bem remoto logar
Vai voando o passarinho ;
A voar, sempre a voar,
Nunca mais torna ao seu ninho ;

Elle chegou-se, e me disse ;
—“Dos jardins és o mais lindo.
Por muitas flores que eu visse,
Rosa do brancor infindo
Da tua face, e que sentisse
O seu olor nunca findo
De certo não acharia,
Procurasse-a noite e dia.
Flor assim nunca bejei
Deixas beijal-a ?” E... eu deixei.

P'ra bem remoto lugar
Vai voando o passarinho ;
A voar, sempre a voar,
Nunca mais torna ao seu ninho.

A outra vez, quando o vi,
Tremia... *não sei porque.*
Assim disse-me :—“Zizi,
Vim buscar—tu, bem se vê,
Tu irás commigo—aquí

Um cravo que na *soirée*
Hontem andaste a mostral-o..
Vem commigo procural-o.
Não o achas? Aqui 'stá, louca !...''
E déu-me um beijo na bocca.

P'ra bem remoto lugar
Vai voando o passarinho ;
A voar, sempre a voar,
Nunca mais torna ao seu ninho.

E quando, ao outro dia,
Estava eu a sna espera,
Não sei porque... não tremia.
Da viola e ceracea hera,
Tudo, tudo me sorria.
Logo que o vi, qual era
A flor buscada, disse eu ?
—E' o amor, me respondeu.
--“Pois vem buscal-o”. Fugi,
Quando a seguir-me eu o vi....

P'ra bem remoto lugar
Vai voando o passarinho ;
A vôar, sempre a vôar,
Nunca mais torna ao seu ninho.

Já algum tempo passado,
No jardim estava eu só.
Que mudança ! Descorado
O semblante ; os lábios—oh!—
Desmaiados. Arruinado,
Reduzido a nada, a pó
O que o encantava : o viço,
O frescor meu. E' por isso
Que não mais vem buscar flores
Quem gozou dos meus amores....

P'ra bem remoto lugar
Vai voando o passarinho ;
A voar, sempre a voar,
Nunca mais torna ao seu ninho.

S. Paulo—Setembro de 1887.

Mysterio

(M. ROLLINAT)

A DIANNA TERRA

Porque é que cóna a donzella
Em face do adolescente?
Porque é que riso indolente
O labio seu rubro estrella?

Que molha o brilho da estrella
Do seu olhar innocente?
Porque é que cóna a donzella
Em face do adolescente?

A cor que a face lhe véla
Do sangue ou d'alma vem ella ?
Perigo acaso presente?
E' que algum desejo sente ?
Porque é que córa a donzella ?

Pelotas—Maio—1888.

Beijos de mãe

A ABREU NETTO

Leve, o sopro da brisa em branca rosa
Transforma dos botões o mais sem vida.
Assim os beijos são da mãe ditosa,
Quando a flor pelo sol emmurhecida,
Ou o botão que ao galho está pendido,
Inda ha pouco nascido,
E' a filha mimosa.

Como a formiga occulta embaixo de uma fronde
Do frio 'stá abrigada e da chuva furiosa,
Com beijos uma mãe a um filho sempre esconde
O lado máu da vida; e o guarda escondido,
Para que tarde a vir o negro turbilhão
Da sorte o arrancar do seio, e sem demora
Atiral-o no mundo—esse sombrio chão
Em que a desgraça pisa, e onde a fome demora.

S. Paulo, Setembro de 1887.

* * *

(J. RICHEPIN)

A F. P.

De que serve jurar-te?
'Stá em mim do que eu sinto
A prova. Quando amar-te
Eu digo, p'ra se minto

Veres, faz sem receio
Teu dever. Minha vida
Tens dos dedos no meio,
Como uma margarida ;

Desfal-a ; e, ao na mão
Teres sem folha a fiôr,
Lerás no coração
Se tenho-te eu amor.

Caprichos da fortuna

Um homem que se ia enforcar
achou um thesouro...

AUSONIUS.

A BENTO J. DOS SANTOS

Sem recursos, o pobre se enforcar,
Após immensa lide, decidiu.
Mas grande somma de ouro descobriu
Junto ao sitio onde ia terminar

A afanosa vida ; do lugar
O riquissimo cofre subtrahiu,
E pela corda prompto o substituiu
Com que, inda ha pouco, se ia pendurar.

Como voltasse então o verdadeiro
Dono, não encontrando o seu dinheiro,
A angustia no seu peito se aninhou ;

E, ao vêr-se destituído do seu curo,
Com a corda o pobre homem se enforcou
Que achára no lugar do seu thesouro.

S. Paulo, Junho de 1883.

CANÇÕES ANDALUZAS

A D. CARLOS VALDEZ

Montevideo—Janeiro—1888

Canções andaluzas.

A D. CARLOS VALDEZ.

I

Chorei tanto, tanto, tanto, •
Junto a tua gelozia,
Que da rua a pedraria
Reguei co'o meu louco pranto...
Já tu vês se eu choraria !...

II

Guardados no coração
Trago dous beijos, e são :
Da minha mãe o derradeiro,
E o que te dei, o primeiro...

III

Meia noite já passava,
E meu pae tinha expirado;
Minha mãe, triste, chorava,
Ao vêr que estava apagado
O pharol que nos guiava.

IV

Nunca deves pão negar
Ao pobre que anda a pedir,
Pois te ha-de o trilho indicar
Que um dia hajas de seguir.

V

Minha mãe morreu : a vida
Tornou-se-me dura e triste ;
Quando vive a mãe querida,
Filho infeliz não existe.

VI

Meus pae e mãe já perdi :
Quem por mim sinta amor puro
Não ha ; até, no monturo,
As moscas fogem de mi.

VII

Quem á praia fica, quando
Parte o barco, diz então,
Ao vêr que vae-se affastando :
« Quem sabe se voltarão ? »

Dos do barco por sua vez
Diz o olhar entristecido ;
« Quando voltarmos, talvez
Já tenham elles partido ! »

VIII

Ao passar no bosque : « aqui
Soidão existe » disse eu...
E o echo me respondeu
Com voz rouca : « sim, aqui. »

« Aqui 'stá » me respondia...
A tremer eu vi então
Que a maldita voz sahia
Do meu próprio coração.

IX

Companheira, a supportar
Estou prompto crueis penas ;
Mas nunca á dita gozar
Que foge ao chegar apenas.

X

Côr de rosa tinha a face,
Tinha os labios enrubrados...
Labios que foram talhados
Para que alguém os beijasse.

Ora esse ente virginal
Sob um cypreste repousa :
Beijo eterno a morte pouosa
Nos seus labios de coral.

O sino

Laudo deum, populum yoco, congrego
clerum...

A JOAQUIM T. NOGUEIRA JUNIOR

Bem no alto da torre se alevanta
Da velha igreja o sino.
E' claro o som, altiloquo, argentino
Que, em golfadas, sai da bronzee garganta,

E, pelo espaço voando, não mais volta.
Sempre que o sino toca,
Com a voz que vomita a larga bocca
Isto se ouve de envolta :

«Os eternos louvoures levo a Deus,
E chamo o povo, e o clero congreco ;
Nas tumbas eu derramo os prantos meus,

As pestes affugento e as renego,
E as festas alegre, e rasgo os véus
Da tristeza co'a voz que sóbe aos céus.»

S. Paulo—Setembro, 1887

Uma canção de Richepin

A D. L.

Certo rapaz bem queria,
Tra la la la,
Tra la la la,
Certo rapaz bem queria
Aquella que o repellia.

Disse ella : Traze a meu cão,
Tra la la la,
Tra la la la,
Disse ella : Traze a meu cão
Da mãe tua o coração.

Partiu... roubou á querida,
Tra la la la,
Tra la la la,
Partiu... roubou á querida
Mãe o coração sem vida,

Correu.., mas cahiu, e ao chão,
Tra la la la,
Tra la la la,
Correu.., mas cahiu, e ao chão
Foi rolar o coração.

Como por terra jazia,
Tra la la la,
Tta la la la,
Como por terra jazia,
Eis que assim elle dizia

N'um soluço, n'um gemido,
Tra la la la,
Tra la la la,
N'um soluço, num gemido :
«O que foi, filho qnerido ?»

S. Paulo—Março, 1887.

N'um leque

A M. V.

O amor é flor que cresce
E vive no coração ;
Se nas estufas floresce,
Tambem rebenta do chão.

Pelotas—Setembro, 1885.

A amizade

(MILLEVOYE)

A HENRIQUE SILVA

Oh tu que eu amava eternamente,
Se não fôras p'ra amor tão sem piedade!
Sabe que junto a ti, oh formoso ente,
A espaços amor sente-se e amizade.

Se os meus transportes não te agradam, juro.
No peito encerrar d'elles a metade;
E saberei, sem vir a ser perjuro,
Até a tumba amar-te co'amizade.

Buscava amantes, frívolo amante;
Mas ao ver-te tudo olvidei, beldade.
A teus joelhos, com labio palpitante
Deixa que eu me embriague de amizade...

S. Paulo - Junho, 1968.

N'um album

A M.

Senhora :
 dizem Maria,
Voejando pelos ares,
Pelas azas impellidas,
Pelo Zephiro batidas,
Avesinhas aos milhares.

Sempre ligeiro elle ia,
O beija-flôr ; eu o via
Beijando as rosas de cores.
Dos beijos que dava ás flores
Fazia um nome—Maria.

Entre os lábios eu sentia
O doce nome «Maria» ;
O nome—confesso agora—
O nome de quem, senhora,
Já no meu peito existia.

No baile

(J. A. BEOQUER)

A LEOPOLDO FREITAS

Do baile fadigada,
Na face a cor de um roseo botão,
A meu braço apoiada,
N'um extremo parou-se do salão.

Seu seio levantava
O leve gaze, ao perpassar do alento ;
E entre elle se embalava
Um lyrio em suave movimento.

Como em roseo berço
Que leva o mar e a briza acaricia,
Alli talvez immerso
Ao sopro dos seus labios dormia.

—Quem em vão decorrer
Deixar pudera o tempo, pensei eu ?
Oh ! se as flôres dormem, ha-de ser
Mui doce o somno seu !

Pelotas—Maio—1888.

Destino da Mulher

A CARLOS PEIXOTO

Em respeito á mulher eis o que eu penso :
Entre as mais distinguiu Deus uma flôr ;
Vestiu-a de belleza e de frescor.
Duas gottas pingou de amor intenso

No seu calice, branco, chrystalino ;
E disse-lhe, quando á terra a lançou :
"Serás esposa, mãe e filha." Voou
A flôr, e anda a cumprir o seu destino :

Filha—é a recente fiôr mimosa ;
Esposa—é o botão que quer ser rosa ;
Mãe—é a branca flor que se desfaz,

Transformando-se a folha colorida
Em roseo cherubim, que em doce paz
Lhe embala esta tão affanada vida.

S. Paulo—Setembro—1887.

À minha mãe

[S. DE LAMADRID]

A D. T. A. N. A.

Mesmo antes de nascer, dei-te tormento ;
Causei-te mau—estar ao ver o dia ;
E, depois, o teu coração soffria,
Se no meu lia descontentamento.

No duro inverno com teu doce alento
Me acalentavas emquanto eu dormia ;
E, de joelhos, rogavas a Maria
P'ra que jámais tivesse soffrimento.

Oh ! pagar quizerá eu tanto carinho
Co'amor igual ao teu, co'amor eterno :
Mas crava-me o pezar seu agro espinho,

Ao ver que de uma mãe o arrulho terno
Não se póde pagar no mundo por
Um amor filial—pobre e fraco amor !...

Montevideo—Janeiro—1888.

O sapo

A MACHADO GUIMARÃES

Eu vi. Foi assim :
O sapo a fugir,
E a cobra a abrir
A bocca. Por fim

O sapo saltou
Da cobra, que o tenta,
Na guella nojenta.
Que aos trinta chegou,

A moça que diz :
“Ser quero feliz,
Mas só, sem casar”

Já qual sapo andou,
Mas nunca encontrou
Quem viesse a tragar.

S. Paulo—Setembro--1887.

N'um album

(B É R A N C E R)

A EUGENIO LEVY

Que por bem longo tempo este album vos repita.
Que um terno cancionista e já envelhecido,
Vos vendo tal qual sois, graciosa, bonita,
Por vossos olhos foi facilmente illudido.
Engano não de amor, que no amor já não crê ;
Mas, co'a vossa lisonja o velho a se illudir,
Por sorriso tomou da gloria o que
Da belleza era apenas o sorrir.

S. Paulo—Outubro—1887.

A pomba

A IBRAHIM MACHADO

“Se na janella vier pousar, Lili,
“Uma pomba de nivea plumagem,
“Conchega-a com doçura ao peito, e assi
“Junto ao peito terás a minha imagem.

“A pombinha, Lili, só entrará
“A' noite, quando estejas a chorar
“Por mim. Adeus !” Parti. E Lili—ah !—
Ficou... D'ahi a mezes fiz soltar

A' avesinha as azas, e ella voou...
Quando, após algum tempo, a mim voltou,
Sem hesitar falou-me assim:—“Por vós

“Não chorava Lili durante o dia ;
E á noite... de entrar sempre eu temia,
Que ella no quarto nunca estava a sós..”

S. Paulo—Setembro—1887.

O busto de gelo

(CAMFOAMOR)

A FRANCISCO GLYCERIO

Tentado pelo amor, um penitente um dia
Com gelo de mulher lacteo busto formava ;
E com furor ao corpo o busto conchegava,
Abrandando o calor que no seu peito ardia.

E quanto mais co'o busto o corpo seu se unia.
Mais o gelo co'o fogo ardente se mesclava,
E o casto coração do santo se gelava,
E o busto de mulher todo se desfazia.

No teu lutar sem fim, amor (de quem renego)
Sempre se une co' o inverno o abrasador estio,
Se de um o amor é fraco, é o amor do outro cego.

Isso dá-se contigo, oh pobre peito meu !
Que unindo *ella* o seu gelo ao fogo intenso teu,
Por matar de calor morres de frio.

S. Paulo—Junho—1888.

A vida

A C. D. O.

Olha além aquella flôr :
Sacudida pelos ventos,
Se desfolha,... perde a cor...
Não ouves os seus lamentos ?
Assim tambem é a vida,
Que, da morte ao sopro lento,
Segue a medonha avenida
Que principia no ermo
Sepulchro, e só acha termo,
So finda no esquecimento.

Pelotas—Setembro—1885.

O pescador

(J. DE ESPRONCEDA

A OCTAVIANO BUENO

Ai pescadora minha !
Te achega á ribanceira,
E escuta prazenteira
Meu cantico de amor ;

Que, sentado á barquinha,
Te canta seu cuidado
Teu doce namorado,
Teu terno pescador.

A noite veste o ceu,
Abrandando o curso o vento,
E o mar, sem movimento,
Manso e placido está ;

Oh desce ao batel meu,
Doce amante formosa :
A noite tenebrosa
Teu ser alegrará.

Aqui, sós, escondidos
Dos outros pescadores,
Do meu amor as flôres,
Ditoso, exfolharei ;

N'esses labios tingidos
De rubro, mel rosado,
Doce ambar perfumado
Que vertem libarei.

No mar, contigo irei
No meu batel cantando
Ao som do vento brando
Amores e prazer ;

Peixinhos te darei
Aos milhares então,
Que, vendo-te, virão
A ti se oferecer.

Com grinaldas da cor
Do nácar teus cabellos,
Tão negros e tão bellos,
Meu bem, eu cingirei ;

E mil vezes amor
Jurando-te, aninhada
Em ti, oh minha amada,
Minha dita acharei.

Não temas o mar fundo,
Nem vento procelloso,
Que ao ver-te, ente formoso,
Prestes se acalmarão ;

E as sylphides do mundo
Dos ventos e dos mares
Com placidos cantares
Rainha te farão :

Completa a minha dita,
Vem ! desce ao barco meu !
A lua já nasceu
E espelha-se no mar :

Suas vagas agita
Ligeira e suave brisa ;
Ai ! Vem, amada Elisa,
Meu peito consolar !

S. Paulo—Junho—1888.

Na lua de mel

A DR. PEDRO SANCHES LEMOS

A' sala dirigiu-se o parsinho mimoso...
A mãe, que junto estava a lêr no gabinete,
Eis o que ouviu : um beijo, aos que n'um ramalhete
Um colibri daria igual, tão deleitoso

Era elle ; passos que abafava o tapete ;
O importuno ranger do divan mysterioso ;
Um soluço, um gemido, um beijo fervoroso ;
Um ruido que par'cia o estalar d'um colchete..

Sentindo o baque após de corpos sobre o chão,
E gemidos ouvindo extensos, ella então
Inquieta á porta veio, e o reposteiro ergueu :

“O que ella viu ?” Não sei. Dir-vos-hei tão sómente
Que corou, e não mais o ruido a sorprehendeu
Que na sala crescia, e progressivamente...

S. Paulo—Junho—1888.

O incendio

(A. DE MUSSET)

A F. G. DE ARAUJO GÓES

Quando o lavrador, voltando á velha choça
A' tarde, devastada encontra a sua roça,
Pensa que fascinou um sonho os olhos seus,
E angustiado interroga o seu olhar os ceus :
Sobre a terra se estende a noite, triste, escura.
O lugar costumado em de redor procura
Em que a mulher o espera, o portal entreaberto ;
Apenas cinzas vê no meio d'um deserto.

Os filhos semi-nus sahem do esteval,
E se achegando ao pai, contar um d'elles vem
A terrivel angustia em que morreu sua mãe ;
O espaço todo enche uma mudez mortal,
Comprehende a sua ruina então o desgraçado.
Conchega os filhos seus ao peito desolado ;
Se a mão não estender, só lhe reserva a sorte
A miseria para hoje e p'ra amanhã a morte.
Nem da garganta oppressa um só soluço sai ;
Cambaleante, mudo, examine, elle vai
Ao longe se assentar. Fixa os olhos então
No horisonte : e contempla a seara, que devassa
O fogo: em turbilhões ascendendo, a fumaça
A' altura vai levando a sua pobre razão.

S. Paulo—Outubro—1887.

Teus olhos

A OROZIMBO MAIA

Teus olhos são negros, mais negros que a baga,
Que de entre os espinhos
Nasceu escondida ;
Mais brandos que a brisa, que a brisa que affaga
Com meigos carinhos
A folha cahida.

Luzentes, brilhantes, qual sol a brilhar,
Quando se alevanta
Por detraz dos montes ;
Mais claros, ainda, que o limpido luar,
Que o luar que se espelha .
Nas aguas das fontes.

Nos teus lindos olhos ha tanta candura,
Que cada olhar d'elles
Parece um affago.
O olhar teu é calmo, cheio de doçura,
Como é manso o azul
De um placido lago.

S. Paulo—Setembro—1886.

Ciume

(J. RICHEPIN)

A PEDRO GOULART

Desdemona, de lutar
Foge commigo ;
Veio o ciume hontem buscar
Em mim abrigo.

Na jaula, no quarto teu,
Toma cautela !
E' qual féra o ciume meu :
Receia d'ella !

A colera me embriaga
N'isto pensando,
E os olhos ficam qual chaga
Que está sangrando.

Batem-me os dentes na bocca.
Deves saber
Que quando a ira me toca
Deixo de ver.

Ah! tudo eu esqueceria,
Teus beijos quentes...
A presa apenas serias
Entre os meus dentes.

Ou, como esse Mouro Othello,
Comtigo a sós,
Tu, calma, solto o cabelo
Negro, e eu feroz,

P'ra não ouvir a agonia
D'esse teu peito,
Co'os pannos suffocar-t'hia
Do proprio leito.

S. Paulo—Outubro—1887.

A ridora

A L. T.

Er' habito seu :
De tudo ella ria,
A' noite e de dia.
Um amigo meu

De amor lhe fallou.
O doce phraseado
C'um riso largado
Logo ella cortou...

Casou. Quando a vi,
--Que pasmo senti!--
A moça não ria.

P'ra ella ter perdido
O riso, o marido
Que diabo faria?

S. Paulo--Setembro--1887.

Uma ode de F. Malherbes

A DR. TORRES NEVES

Será então, oh pai, a tua dor eterna ?
E aquillo que está
Agora a repetir-te a estima paterna
Sempre augmental-a-ha ?

A desgraça da filha amada, que descer
A' tumba fez a morte,
E' dedalo em que vai teu juizo se perder ?
Era essa a sua sorte,

Pois que ella era do mundo, onde as cousas valiosas
Tem sorte ennegrecida..
Rosa, a pobre medrou p'ra gosar como as rosas
Uma manhã de vida..

Tem rigores a morte a nenhum outro iguaes ;
Ninguem a supplicar
Vá, que parte sem dar ouvido aos nossos ais,
Deixando-nos gritar !

Debaixo do seu coímo, humido e frio, o pobre
Sujeita-se ás suas leis ;
E entra quando quer no tecto em que o nobre
Está e estão os reis.

S. Paulo, Outubro de 1887.

Kinson, a japoneza

A ALCIDES GERALDO

Quiz vel-a. A muito custo a ella consegui
Chegar. Quando a olhei, tolamente não ri,
Como a gente que havia alli 'stava fazendo.
A principio senti uma impressão má, vendo

Áquelles olhos seus pequenos, o penteado
Que usava, a cara chata, o cabelo engraxado.
Essa impressão mudou-se, ao ver o ar gracioso
Com que a bella, mos rando entre o labio mimoso

Os dentes, me off'receu de bom chá uma taça...
No dia que seguiu-se ella partiu, a flôr...
Quando pela memoria essa noite me passa,

O bom chá lembro, e lembro a linda japoneza ;
A' bocca não me vem de liquido o sabor,
Mas á lembrança vêm me a exquisita belleza.

S. Paulo, Outubro 1887.

Conselho a um tolo .

A JOSÉ PINTO GUIMARÃES

Tu, que a mania tens de sempre apparecer,
Faze, tolo, o que agora eu passo a te dizer :
Ou compres um romance, ou um livro de sciencia,
Para poderes dar opinião acertada,

Que tenha por só fonte o seio da consciencia ;
Tu, cuja intelligencia é por todos gabada,
Consulta a esse respeito o teu bom veterano
Que é um rapaz mui lido e está no quarto anno.

O que elle te disser vai repetir na rna,
Dá a sua opinião como se fôra tua ;
E terás alcançado o fim a que almejas :

Que por ahí se diga e fique bem firmado
Que és um moço de gosto, instruido, educado..
Confessa, não é isso o que tu mais desejas ?

S. Paulo—¹⁸Outubro—1887.

Cantares de Campeador

—

A LUIZ ARANHA

—

S. PAULO - JUNHO DE 1868

I

Desde que perdi o encanto
D'esta primeira paixão,
Temo, ao ver meu coração,
Morrer de dor e de espanto.

I I

Tua doce imagem tenho
Tão unida ao meu desejo,
Que ao espelho quando venho,
Em vez de ver-me, te vejo

III

Sonhe ou vele, sempre ardente,
Não se aplaca o meu desejo;
Pois sonho ao ver-te, doce ente,
E quando sonho te vejo.

IV

Me causas tanto pezar,
Que cheguei a pretender
Que me deve um pouco amar
Quem me faz tanto sofrer.

V

Nem tenho que te pagar,
Nem me ficas a dever ;
Se te ensinei a querer,
Tu me ensinaste a olvidar.

VI

Venho pedir-te perdão :
Luctar não posso contigo,
Pois meu maior inimigo
E' meu proprio coração.

S. Paulo—Junho—1888.

Conselho da vovó

A. A. M.

A vovó me chamou, e assim falou-me então :
— Oh! netinha, vem cá e ouve com atenção
O que eu vou te dizer : nunca, nunca ames, não !
O amor, oh filha, o anior é nossa perdição.
O exemplo tens em mim ;
Estou velha, não é? Sorris, ao ver-me assim ?

N'outros tempos eu era uma fresca donzella,
E na face trazia o perfume da flor ;
Mas esse tempo foi-se : ora, não sou mais bella ;
E sabes quem roubou-me a belleza e o frescor ?

O amor.

Oh filha, evita e sempre afasta-te com calma

Do amor e da paixão.

Um nos captiva a alma,

E a outra, suirateira, invade o coração.

S. Paulo—Maio—1887:

O beija-flor

A OLAVO BILAC

No florido jardim, quando a tarde cai,
E quando ao fim do curso o sol doirado atira
O seu ultimo raio, e quando se respira
O perfume que a brisa ás flores pedir vai,

Todo, todo envolvido em pennas de saphira,
O beija-flor, inquieto e buliçoso, sai
De um ramado, a beijar as florinhas.—«Beijai»,
Dizem ellas, abrindo a pet'la, emquanto gira

A pequena avesinha, a voejar em redor...
Depois, sem esquecido haver uma só flor,
Despede o vôo, e vai para um outro jardim ;

E se no curso seu sobre uma flôr adeja
Que, ao vel-o approximar, troca a cor do jasmin
Pela do cravo—ardente e longamente a beija...

Pelotas, Janeiro, 1888.

A herva do esquecimento

(J. RICHEPIN)

A JOSÉ DE T. PIZA

O prado está todo cheio
De margaritas murchadas ;
Das solaneas espalhadas
Uma herva nasce no meio :

E' essa a herva sem nome.
Muito tempo doçmir faz,
E dá um pouco de paz
Ao desgraçado que a come.

Se mata um lobo, reféce,
Um cordeiro, p'ra esquecer
Põe-se a mãisinha a comer
Da planta ; e o seu filho esquece.

Contra esta voz carniceira
De eterna recordação
Que uiva no meu coração,
Colho a herva feiticeira.

Comi d'ella um prato cheio.
O que aconteceu sómente
Foi ficar eu bem doente;
Mas o olvido nunca veio.

S. Paulo, Outubro de 1887.

Ao deitar do sol

A FILINTO ELYSIO

Foi n'um dia de Abril,
Era de tarde.
O sol no occaso ia-se escondendo,
E, quieta e vagarosa, se ia erguendo
A branca lua
No ceu azul de anil.

Doce brisa soprava.
As folhas, leves,
Soltavam-se dos galhos; e cahidas,
Rolavam pelo chão, emmurhecidas.
Depois, no ar
A brisa as embalava.

N'um canto do quintal.
Alta e copada,
Se erguia uma ameixeira ; e embaixo d'ella,
Ella estava, mais do que as flores bella,
Recostada
Ao pé d'um roseiral.

Cheguei-me e me sentei
Junto a seus pés
Encostei minha fronte sobre os joelhos,
E, com labios ardentes e vermelhos,
Nos braços nús
Com ardor a beijei

E ella então respondeu
Aos doces beijos
Com um leve sorriso e doce olhar.
Nos olhos seus beijei-a, e fui beijar
A linda bocca...
E o sol se escondeu...

S. Paulo, Setembro de 1888.

Tres visões

(G. A. BECQUER)

A JOÃO A. STOFFEL

Eu sou ardente, eu sou morena,
Eu sou o symbolo da paixão ;
Dé ancia de gozos minh'alma é plena :
—E' a mim que buscas?—Não a ti ; não !

Palida a fronte, as tranças de ouro,
Venturas posso dar-t'as sem fim ;
Eu de ternura guardo um thesouro :
—E' a mim que chamas?—Foge de mim !

Eu sou um sonho, um impossível,
Um vão phantasma de luz e gelo ;
Sou incorporea, sou intangível :
Não posso amar-te. —E's tu que anhele !...

Pelotas—Maio—1888.

A Criada

A J. M. XAVIER DE BRITO

Senhor! não sou quem pensais!
De certo estais enganado:
Na manta trago embrulhado
Só meu filho, e nada mais.

Quando sahi do serviço
Eram as nove já dadas;
Nevava: estavam por isso
As ruas todas molhadas.
Além, no escorregadiço
Passeio, as vis gargalhadas
De um grupo d'ebrios de rum.
"Vem cá, mulher!" disse-me um.
"Deixai-me passar, senhor,
Que eu não vendo o meu amor!"

Senhor ! não sou quem pensais !
De certo estais enganado :
Na manta trago embrulhado
Só meu filho, e nada mais.

Corri, porque tinha medo..
“Pára lá ! gritou-me um guarda;
D’onde vens ?... Já não é cedo..
P’ra onde vais ?... As dez não tarda..
O labio teu resta quedo,
Nada responde ! Que fazes ?
“Vim...”-“do grupo de rapazes
Que bebado além está..
Podes t’ir ! Ah ! ah, ah, ah !”

Senhor ! não sou quem pensais !
De certo estais enganado :
Na manta trago embrulhado
Só meu filho, e nada mais.

Quando mais eu tinha andado,
—Que noite horrível, meu Deus !—
Senti que um passo apressado
Seguia-me os passos meus :
Sou o ébrio, embriagado
Tambem dos encantos teus.

Ao filho que tens na mão
Darei de prompto um irmão,
Se.. Não queres?! Cede já,
Ou ai d'esse que ahí 'stá!..''

Senhor! não sou quem pensais
De certo estais enganado :
Na manta trago embrulhado
Só meu filho, e nada mais.

Corri p'ra casa em seguida,
Nascia osol, Para o mundo
Trazia o dia e a vida ;
P'ra mim, lembrança do immundo-
Odiosa, a quem fui vendida
Pelo amor louco, profundo
Que eu tinha ao caro filhinho...
Me par'cia p'lo caminho
A pestencia mal cheirante
Sentir do meu torpe amante..

Senhor ! não sou quem pensais !
De certo estais enganado :
Na manta trago embrulhado.
Só meu filho, e nada mais..

Quando o meu filho acordou,
Quiz, mas não o pude beijar.
O modo por que me olhou
Fez-me fugir.—Fui chorar..
Não mais meu labio achegou
Ao seu, embora a sobrar
Haja desejo ; até creio
Que tenho medo. Receio
Que, vendo-me junto a si,
Se affaste... e ria de mi.

Senhor ! não sou quem pensais !
De certo estais enganado :
Na manta trago embrulbado
Só meu filho, e nada mais.

S. Paulo, Setembro de 1887.

A Margarita

(J. RICHEPIN)

A DR. ANTONIO J. DE S. GOUVEA

Entretanto a margarita,
Onde a paixão está 'scripta,
De brancas folhas rodeada,
A formosa e fatal flôr
Diz qu'inda me tens amor,
Quando per mim destolhada.

Põe-se o lindo malmequer
“Um pouco, muito...” a dizer ;
E para amorosamente.
Mas é flôr, nada de crér !
A flôr é como a mulher.
E' quasi certo que mente.

S. Paulo—Setembro—1886.

Epitaphio

A PEDRO MARIA

Su'alma esteja em paz !
Aqui jaz
Antonio do Vallado,
Que repousa ignorado

N'estas campinas, onde
Humida relva e fria,
Pela manhã, lhe esconde,
Lhe rouba a luz do dia.

Quando está
Noite gelida e má,
Faz a tumba se abrir,

Deixa-a sem agasalho...
Começa elle a sentir
O enregelado orvalho...

S. Paulo—Setembro—1887.

Aos moços

(BERANGER)

A CARLOS DE CAMPOS

Lamentai, pela praia assentados, ás horas
Em que está o ceu calmo, os que attira
Contra as vagas do mar, perfidas, traidoras,
Da procella que rugue a negra ira.
Devem ter um lugar nos vossos corações
Os que, após um combate longo e tredo,
A tragarem-nos quasi os feros vagalhões,
Vos mostravam o porto com o dedo.

S. Paulo—Outubro—1887.

Fragmento

A MANOEL LOPES MARTINS

Sentirás em seguida a calejada mão
Do coveiro feixar o teu caixão.
E, descendo-te á cova,
Uma trova

louvil-o-has cantar. De terra duas pás
Sobre o corpo cahirem sentirás...
Accordarás após,
E a sós,

Afflicto, a tua voz chamará, chamará ;
Mas á noite quem é que ouvir-te-há ?
Gritarás mais.. Então

O teu ultimo grito, a força já perdida,
Não ouvirás ; e com elle ir-se-hão
Os teus restos de vida.

S. Paulo—Outubro—1887.

.

Invectivas de Gourmont

A DR. HENRI FARJOW

I

No espaço que medeia entre a raiz
Dos cabellos e o alto do nariz
E' que o homem existe inteiramente.
Ahi 'stá collocada essa enorme officina
Que a encerrar a mente
Indubitavelmente
Se destina.
Assim, João Subtil,
Ou João Imbecil,
Que se conheça
Pela cabeça.

I I

Microscopico pé em saia suja
Faz com que a volupia logo fuja.

I I I

O mais discreto de entre os confidentes
Aquelle é que não pode entreabrir os dentes.

I V

D'um ladrão que está preso—esta é a pura verdade—
O seu ultimo roubo é o da liberdade.

V

Ante o amor eu rendo vero preito :
Dá o amor á mulher o animo preciso
Para o labio entreabrir em um doce sorriso...,
Emquanto está sangrando o seu misero peito :
Ante a mulher me curvo com respeito !

S. Paulo—Junho—1888.

Saudade

A S. F.

A noite tinha descido :
A' luz pallida do luar,
Percebia-se o gemido,
D'um regato o murmurar.

A' beira, bella florinha
Do chão brotava isolada ;
A onda crescia e vinha
Beijar-lhe os pés, humilhada.

REBENTOS

Uma a uma, a flor perdeu
As suas folhas. Morreu.
Dos bosques na immensidade

Se ouviam fracos lamentos,
Que, n'uns extranhos accentos,
Só soluçavam :—Saudade.

1885.

Uma decima de Richepin

A J. F.

Já que te sujeitar quizeste ao meu amor,
Cumpre que o trates bem, sempre como senhor ;
Bem sabes que elle tem appetite exigente.
Um feroz comedor ! Não é como essa gente
Que um pedaço de pão chega a satisfazer.
Tua carne palpitante, eis ahí o que quer,
E o teu corpo inteiro, e todo esse teu ser.
Superfluo e necessario, ambos conjuntamente,
Apenas bastarão para a nossa cubiça.
Senhora, ao fogo dê vida quem o atiča.

S. Paulo—Outubro—1887.

Um soneto de Espronceda

A DR. MARQUES DA CUNHA...

Fresca e louçã e pura e olorosa;
Gentil adorno do bouquet florido,
A reclinar-se do galhal erguido,
Doce fragancia espalha a fresca rosa ;

Mas se o sol sobre a flor casta e mimosa
Lança um raio de luz forte incendiado,
Sem cor e o doce aroma já perdido,
Suas folhas leva aura pressurosa...

Por um momento, assim minha ventura
Brilhou nas azas do formoso amor,
Quando alegria e gloria ao peito tinha ;

Ah ! Mas o bem tornou-se em amargura,
E desfolhada aos ares sol e a flor,
A flor viçosa da esperança minha.

S. Paulo—Junho—1888.

A Ingleza

A DR. PEDRO DE ALCANTARA GOUVÊA

Sob um ceu de saphira allumiado
Por cachopos de luz que o sol vomita,
O mar c'o monstruoso arfar agita,
A lamber-lhe co'as vagas o costado,

O vapor. No convez vasto, de um lado,
Na sua *preguiçosa* a miss dormita,
Um livro ao collo ; e o seio seu palpita
Em doce movimento e compassado.

Nem um sorriso só vem entreabrir
A flor dos lábios seus. Ao soabrir
Os cílios, seu azul olhar traduz

A paz que, qual no céu, reina em seu peito.
E, em contraste co'o céu, o mar a flux
Soluços lança enormes do seu leito.

Pelotas—Maio—1888.

Epigrammas de Millevoye

A JOÃO FRANCISCO MACHADO

I

O hebraico, o latim, o grego e o persa eu sei ;
Sei arabe ; e jamais a Delambre invejei
Em tudo o que respeita á algebrica sciencia ;
Em direito se iguala a minh'alta sapiencia
A' dos mais doutos ; e problemas desengrolo
De physica ; sei mais : que participa o effeito...
"Erudito, ante vós me curvo com respeito,
E faço-vos saber que não passais de um tolo..."

S. Paulo—Novembro—1887.

II

Saul não abusou do seu dom de escrever ;
Mas illustrou seu nome, e mui se fez citar :
E, por fim, trabalhou trint'annos a pensar
Aquillo que elle nunca havia de dizer.

III

Dizia uma coquette, e não sem dor :
Minha fronte dos lyrios teve a cor ;
Qual rubro cravo eu tinha o labio nacarado.
—Nada perdeste, e tudo haver perdido dizes :
Sobre as palpebras trazes o encarnado,
E ostentas no cabello os brancos lizes.

Pelotas—Maio—1888.

Na rede

A DR. JESUINO MELCHIADES DE SOUZA.

Embalava-se a rede levemente.
Recostada, a mocinha dormitava ;
E, indiscreto, o labio seu mostrava,
A sorrir c'um sorriso doce e quente,

A marfinea cor do agudo dente.
Das lacteas mãos uma se balanceava,
Pensa da rede ; e a outra mão pousava
Sobre o collo, que pausadamente

Ia erguendo-se e ia se abaixando,
Em continuo pulsar, continuo e brando.
A rede paulatino se alentava...

E para acalentar o somno—creio—
A boquinha da jovem se occupava
Em entoar um ronco longo e feio...

Campinas—Dezembro—1887.

A' casta

(G. A. BECQUER)

A JAYME DIAS

Das flores o sustento é o teu sustento,
Tua voz é dos cysnes a harmonia,
O teu olhar é o esplendor do dia,
E a doce cor da rosa é tua cor.

Tu enches de esperança e novo alento
Um peito, flor p'ra amor enmurchecida ;
No deserto brotas da minha vida
Qual n'um páramo brota a branca flor.

S. Paulo—Junho—1888.

Ode

A D. D.

Estava coberto o ceu
De mil estrellas, quando elle nasceu.
Triste, morbida e nua,
Prestes saudal-o veio a branca lua.
Haviam-lhe tecido
As arvores um ninho enriquecido
De folhas e de flores;
As nuvens, uma esteira de mil cores.
E de todos os cantos,
Para lhe entretecerem suaves mantos
De finissimas pennas,
Avesinhas agitando as antenas

Voavão de ninho em ninho.
Mas, ao nascer, não foi o pequeninho
Nem na esteira deitado
De nuvens multicores, nem lançado
Em ninho de folhagem ;
Nem foi envolto em macia plumagem.
A sabia natureza,
Justa, obrou com justiça e com certeza :
Foi de prompto lançal-o
Nos braços de uma mãe, que sabe amal-o.

Campinas, 1 Outubro 1888.

*
* * *

J. RICHÉPIN

A BENTO QUIRINO DOS SANTOS

O cadaver é pesado
Que eu trago no braço meu ;
O anjo meu adorado
Morreu.

Que pr'a bem longingua plaga.
Vá-me a corrente levar.
Leve o meu anjo uma vaga
Do mar.

Pr'a longe devo fugir.
Pr'a os infernos ! Não importa !
Mas quero aos braços sentir
A morta.

S. Paulo, Setembro de 1887.

A predicção

A JOSÉ NEGREIROS

--Vem cá. Chega-te a mim, e dá-me a mão,
Que eu quero predizer-te o teu futuro.
Esses teus olhos de um castanho escuro,
Tua bocca e os teus cabellos é que vão

Ajudar-me na minha predicção.
Quándo vejo-te o olhar, tão doce e puro,
E tua fronte, e o talhe teu, procuro,
E chego senipre á mesma conclusão :

«Que embora não nascida sobre um throno,
»Sem ter dormido o teu primeiro somno
«Sob um docel real, has-de rainha

«Ser um dia»—Então já o não sou eu?
—«Sim. Mas onde é que reinas linda minha?»
—Pois não é vasto reino o peito teu?!—

Campinas,—Outubro 1887.

O meu genio

A ALFREDO NOVA.

Enterros muito mais que bódas e baptismos-
N'esta vida assisti ;
Magoados corações, de dor vastos abysmos,
Dos males distrahi.
Por vós, oh Deus, eu fui mui bem dotado : sem
Ser forte ou sapiente,
Nunca rindo da dor ou tristeza de alguém,
Alegre ando e contente.

S. Paulo,—Outubro 1887.

A fita da donzella

A PAULO PRADO

O seu negro cabelo
Uma fita o prendia,
Tão branca que par'cia
Uma fita de gelo.

Toda a vez que eu pe lia
P'ra desfazer o elo,
E roubar esse bello
Thesouro, ella sorria

E dizia-me : « Não. »
Mas, um dia, alcancei
Um beijo seu : então

Recostou-se ao meu braço,
E eu, febril... desatei
Da branca fita o laço...

S. Paulo, Junho 1888.

Fragmento de Nunes de Arce

A D. G.

Era uma noite d'aquellas
Noites que alegam a vida,
Em que o coração olvida
Suas magoas e querellas ;
Em que brilham as estrellas
Qual lampadas de um altar,
Em que, convidando a orar,
A lua, qual hostia santa,
Lentamente se alevanta
Pôr sobre as ondas do mar.

Alegrete, Março 1888.

O pinheiro

A M. F. S. R.

No meio da floresta sussurrante
O pinheiro se erguia,
Tão alto que par'cia
Um Goliath de veste verdejante.

Mas, pouco a pouco, a seiva lhe fugia :
E o pinheiro gigante,
Outr'ora tão possante,
Cançado de subir, eufraquecia...

De todo a robustez perdida, ao chão
Veio cair violento.
Temo que, como essa arvor, coração,

Te findes ao faltar-te o forte alento,
Ao faltar-te a pujança
D'essa que te sustenta ultima esp'rança.

Campinas, Junho 1883.



(J. RICHPIN)

A A. B. C.

Te lembrás d'aquelle beijo,
Do primeiro que me d'este?
Sobrasse embora o desejo,
Restituil-o não poudeste.

Te lembrás d'aquelle beijo,
Do ultimo que me deste?
Ingrata! tu nem desejo
De restituil-o tiveste.

S. Paulo,—Outubro 1887.

RIMAS DE BECQUER

A JOAQUIM MENDONÇA FILHO

PELOTAS-MAIO-1888

x
x x

Para que me dizeis? Sei : é altiva,
Caprichosa ; mais facil é rebento
Em rocha morta haver de lympha viva
Do que em su' alma haver de sentimento..

Sei que em seu coração, serpea morada,,
A frieza o amor prompto enregella,
Que é estatua sem vida, inanimada...
Mas... é tão bella !!



Um mundo por um olhar
Por uma palavra um ceu,
Por um beijo... que te dar
Por um beijo, nem sei eu...

×
× ×

Não encontrei asylo, e a noite veio ;
Tive sede !... Com meu pranto a matei ;
E tive fome !... O cilio, ainda cheio
De lagrimas, para morrer cerrei !

Me achava n'um deserto ! A mim chegava
Da voz das turbas o rouco concerto.
Era orphão e pobre... O mundo estava,
Para mim, bem deserto !...

×
× ×

Os suspiros são ar: vão ter ao ar.
As lágrimas são água: vão ao mar,
E quando o amor chega a se esquecer
Sabes para onde vai, dize, mulher?

x
x x

Como vive essa rosa que prendeste
Junto ao teu coração?
Pois póde ella viver sem que a creste
A lava do volcão?

×
× ×

A principio é um trem'lo e vago alvor,
Raio de inquieta luz que corta o mar;
Chispa depois, cresce e vai rebentar
Em explosão ardente de claror.

A assustadôra treva é o pezar,
A faiscante luz é a alegria :
Ah! da minh' alma na noite sombria
Quando será que o dia vai raiar?

x
x x

Ao raiar de um relampago nascemos,
E, ainda antes de se apagar, morremos :
Breve é nosso viver!

A gloria e o amôr que ambicionamos
De um sonho são a sombra que buscamos :
Despertar é morrer!

x
x x

Minha vida é um árido areial;
A flor que toco prompto se desfolha ;
Porque sobre o caminho meu fatal
Alguem ha que semeando vai o mal,
Para que minha mão depois o colha.

x
x x

Como o selvagem que com torpe mão
A seu capricho faz um deus, e após
Ante elle ajoelha-se com devoção,
Assim fizemos nós.

A um phantasma forma lhe emprestámos,
Do espirito invento enganador,
E no altar do idolo immolámos
O nosso terno amor.

X
X X

A's vezes a encontro pelo mundo
E sorrindo ella passa junto a mim ;
Olho, e fico triste, meditabundo,
E digo : "Como pode rir assim ?"

Depois, na minha bocca outro sorriso
Se esboça, mascara do pezar meu;
E então penso : "Talvez que este meu riso...
Talvez que seja igual ao riso seu !"

×
× ×

Ao começar a noite d'esse dia,
Ella, longe de m :
“Porque te achegas tanto ? me dizia,
Tenho medo de ti !..”

Quando pela manhã do outro dia,
Junto, bem junto a mi :
“Porque te affastas tanto ? me dizia,
Tenho medo sem ti !..”

Quadro

A ALBERTO GODOY

Vou pintar-vos o quadro, e tal qual o vi :
A mai junto chorava ; a face emmagrecida
De lagrimas se enchia, ao pensar como a vida
Voára do filho seu, pr'a bem longe de si

O levando a morte. E qual verde colibri
Que andando a voejar, ventania insofrida
Levasse a descansar em corbelha florida,
A pobre criancinha a dormir assim

Lá estava no caixão, só de flores cercado,
Branco como se fora um flocco anniveado
De espuma. Notei que a c'roa que o cingia

Era branca tambem ; mas, qual serpe infamante
Manchando um lacteo liz, da bocca lhe escorria
Uma agua esverdeada e podre e mal-cheirante.

S. Paulo—Outubro—1887.

Versos de Lamadrid

A RODOLPHO GUIMARÃES

Tu, cuja voz canta o amor
E tão perfeito o retrata,
Diz-me qual é o maior :
O que consola ? O que mata ?
Qual mais forte, mais ardente :
O que é eternamente
De alma terna retribuido,
Ou o que é desattendido
Por peito que amor não sente ?

Montevideo—Janeiro—1888.

O poema da flor

A EUCLYDES EGYDIO

I

N'uma rocha desnudada
Nasceu um dia nma flor,
Linda como um casto amor,
Branca como a madrugada.

O vento, quando rugia,
Quando violento soprava,
Aos pés da flor se curvava,
Dava-lhe um beijo... e fugia.

Se na carreira impetuosa
De encontro á haste batia,
E se uma folha cahia
Do galho da flor mimosa,

O vento de prompto a erguia,
E nos braços a embalava ;
Para bem alto a levava...
Até que enfim se sumia.

E o mar : o mar sempre vinha,
Humilde, servil, de rastos,
Depor seus beijos, tão castos,
Aos pes da bella rainha.

Com lentidão se achegava :
Lambia a rocha escarpada,
Olhava a flor isolada
No rochedo ; e se afastava.

E as vagas iam subindo,
Iam subindo, uma á uma ;
E sobre o leito de espuma
O mar fugia, sorrindo.

II

Era ao anoitecer. Branca e luzente,
No ceu azul, de estrellas resplendente,
Vinha surgindo a lua vagarosa.
Que clara estava a noite ! E que formosa !
Apontavam, aqui, alli, além,
As lucidas estrellas ; lá tambem,
Um pouco mais ácima, uma se via,
Que mais que as outras todas refulgia.

Que linda estava a noite ! O mar, sereno,
Se embalava no berço suave, ameno
Que as ondas lhe fazião. Se atirava
O vento pelo espaço, e resoava
A sua voz por sobre o mar profundo :
Vasto antro esse abysmo, esse outro mundo.
Longe, via-se e rocha ennegrecida,
Nas negruras do mar quasi perdida ;

E n'ella, a um canto, virente se via
O galho verdemar. D'elle pendia
A flor, sempre tão branca, tão viçosa,
Sorrindo pelos labios seus de rosa.

O vento se chegou :

“Flor, como és linda !

Te escondes! E porque? A treva infinda,
Negrejante, te envolve nos seus veus.
Deixa o mar que se role sob os ceus

Em negra furia ; e vem, e vem commigo ;
Nos meus braços terás um doce abrigo ;
Oh vem sobre o meu peito te encostar !”
E a flor não respondeu ; olhou o mar :
Seren e vagaroso, elle avançava ;
Pós atirou, rugindo com voz cava,
Uma vaga de encontro á rocha dura.
Mostrando então a espumea dentadura,

Com o seio agitado, assim falou :

“Queres saber, oh flor, o que eu te dou ?
Dou-te os negros rochedos penhascosos,
Que os vagalhões açoitam andaciosos ;
Dou-te um leito de espumas branqueado,
Um berço pelas vagas embalado ;
E para acalantar-te,—o escarceu,
Profundo palpitar do peito meu.”

Depois calou-se. A noite vagarosa
Ia correndo. Que silenciosa
Deslisava ! Como era a lua bella !
Que branca estava ! E que brancura aquella !
A flor disse, como se fora em sonho,
E com o labio seu sempre risonho :
"Sim ! Antes quero pelos braços teus
Ser embalado, oh vento ! Oh mar, adeus !"

Do galho se desprende a flor, e cai ;
E o vento sopra, e com elle a flor vai.
Soluço inquieto agita o negro peito
Do mar, que se ergue em furia do leito...
O vento sopra, e com vozes rouquenhas
Bate de encontro ás isoladas penhas...
A flor partiu, subiu, voou, voou,
Até sumir-se... e nunca mais voltou.

III

No grande abysmo, se erguia
Um vagalhão ; e se via
Elle, bramante, rojar-se
E contra a rocha quebrar-se.

Vinha um outro mais audaz,
E que avançava voraz ;
Contra a vasta penedia
N'um instante se partiá ;

De novo se levantava,
Sobre a rocha se atirava ;
Até que emfim, já cansado,
Recuava, superado.

E sempre se estava a ouvir
Do mar o eterno fremir,
Que, na linguagem das aguas,
Quer dizer—eternas maguas.

E o vento, quando vinha,
Sua carreira detinha,
P'ra ver as maguas secretas
D'aquellas vagas inquietas.

I V

Calma a noite desceu. De nuvens marchetado,
Envolveu-a em seguida um veu todo estrellado,

E na esteira sem fim, branca, a lua resalta,
Ella que o manto azul do firmamento esmalta.

O vento sussurrava ; e esse ciciar seguido
Trazia da florsinha o cruciante gemido.

Vertia amargo pranto o mar, abalançado
Por sobre a negra rocha. Um vagalhão irado

Se arroja, avança, avança... até que emfim desmaia,
E n'um pranto caudal desfaz-se pela praia.

S. Paulo—Cutubro—1886.



Não notem-se algumas pequenas divergências na orthographia de certas palavras: o autor não é o culpado. Cumpre também informar de que a poesia «*O meu génio*» não é original do autor, mas traduzido de Béranger.

INDICE

	FACINAS
Apresentação	11
Alice	13
Meditação	15
Caricia	17
<i>A vir, perguntas, graciosa,</i>	19
<i>Porque é que tu sempre me recusas</i>	21
Serenata	23
Supplica	27
A morte de um leão	29
Carta de amor	31
Uma Canção de Courmont	35
O meu sonho	37
O prato de faiança	39
Historia de uma ave	41
O Senador	45
<i>Como os metais do sino</i>	49
Berço e tumba	51
<i>E' quando o silencio o enche de mysterio</i>	53

Sennacherib.....	55
13 de Maio	59
Serenata	61
<i>Lancei-te, bella minha</i>	63
Quatro beijos	65
Criação da mulher.....	67
Viver ! Morrer ! Fugir !	69
O João	71
A flor da saudade	75
Sonho	77
A Borboleta.....	81
Cobardia da mulher	83
A tumba de Anacreonte.....	85
<i>Se o teu olhar, formosa, um dia eu visse</i>	87
A harpa	89
A virgem	91
Mysterio	95
Beijos de mãe.....	97
<i>De que servé jurar-te ?</i>	99
Caprichos da fortuna	101
Canções andaluzas.....	103
O sino.....	115
Uma canção de Richepin.....	117
N'um leque	119
A amizade	121
N'um album.....	123
No baile	125
Destino da Mulher.....	127

A minha mãe	129
O sapo	131
N'um album	133
A pomba	135
O busto de gelo	137
A vida	139
O pescador	141
Na lua de mel	145
O incendio	147
Teus olhos	149
Ciume	151
A ridora	153
Uma ode de F. Malherbes	155
Kinson, a japoneza	157
Orgulho	159
Conselho a um tolo	161
Cantares de Campoamor	163
Conselho da vovó	171
Supplica de um Epicuriano	173
O beija-flor	175
A herva do esquecimento	177
Ao deitar do sol	179
Tres visões	181
A Criada	183
A Margarita	187
Epitaphio	189
Aos moços	191
Fragmento	193

Invectivas de Courmont.....	195
Saudade	197
Uma decima de Richepin.....	199
Um soneto de Espronceda	201
A Ingleza.....	203
Epigrammas de Millevoye	205
Na rede.....	207
A' casta.....	209
Ode	211
<i>O cadaver é pesado</i>	213
A predicção	215
O meu genio.....	217
A fita da donzella.....	219
Fragmento de Nunes de Arce.....	221
O pinheiro.....	223
<i>Te lembrás daquelle beijo,</i>	225
Rimas de Becquer.....	227
Quadro	241
Versos de Lamadrid.....	243
O poema da flor	245



